

## CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS PARA A VERIFICAÇÃO DE CORRELAÇÃO ENTRE EVENTOS PÚBLICOS CONTROLADOS E EVENTOS PRIVADOS INFERIDOS

André Vasconcelos-Silva<sup>1</sup>  
Lorismario Ernesto Simonassi<sup>2</sup>

**Resumo:** Na tentativa de se verificar a eficácia de procedimentos e experimentações que estabelecem correlações dos eventos privados com respostas verbais e dispor condições de uso do termo evento privado, realizou-se dois experimentos. O Experimento 1, objetivou verificar a correlação dos relatos verbais públicos indicativos dos eventos privados, Resposta de Informação, com comportamentos públicos: Descrição das Contingências. Não foi possível inferir neste experimento quais os eventos privados participaram da cadeia comportamental, devido a impossibilidade de se verificar correlações. O Experimento 2 objetivou verificar o efeito de contingências prévias de reforçamento sobre a correlação existente entre as Respostas de Informação e os comportamentos de descrição e resolução. Os resultados permitem observar que as respostas de informações correlacionaram-se à descrição e resolução da Sessão 1, quando os participantes não estavam sob o controle da contingência da Sessão 2, e posteriormente passaram a se correlacionar às contingências da Sessão 2, quando ficaram sob controle destas mesmas contingências. Com isso, os experimentos possibilitaram inferir sob quais condições podem-se detectar correlação entre eventos observáveis e o uso do termo evento privado.

258

**Palavras-chave:** Acessibilidade. Evento Privado. Comportamento Verbal.

**Abstract:** Two experiments were conducted to determine the efficacy of experimental procedures, which set up correlations between private events and verbal responses, and to dispose of usage conditions of the term “private event”. The aim of the Experiment 1 was to investigate the mutual relations between verbal reports indicating private events and public behaviors (description of contingencies). Nevertheless, in the Training condition, the responses indicating privacy (informative responses) were registered as well. Correlation between informative responses and description responses was established. In spite of it, any correlation involving problem solving responses could not be observed. The purpose of the Experiment 2 was to verify the effect of previous reinforcement contingencies upon the interrelation between public behaviors and informative responses. In the Session 1, correlation between contingencies description responses and problem solving responses was established.

<sup>1</sup> Professor Associado 3 da Universidade Federal de Goiás, campus Catalão. Doutor em Ciências do Comportamento UNB. andre.silva.ufg@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUCGO). Doutor em Psicologia USP.

Recebido em 20/02/2019  
Aprovado em 22/04/2019

The Session 2 was similar to Experiment 1, but the contingencies arrangement was not the same used in the Session 1. Data analysis showed correlation between informative responses and description and problem solving responses in the Session 1, when the participants responses were not under contingency control of the Session 2. Moreover, when the responses were under contingencies control of the Session 2, they were related to them. The experiments 1 and 2 provide empirical evidencies of the correlation between observable events and private events. The results of both experiments also give consent for the establishment of experimental usage conditions of the term “private event” by means of controlling variable detection.

**Keywords:** Accessibility. Private Event. Verbal Behavior.

## Introdução

A psicologia surge com o intuito de dar explicações àquilo que é único e pessoal aos indivíduos, ou seja, à sua privacidade. Diversos modelos explicativos foram cunhados, sendo balizados pelos diversos referenciais de ciência, que surgiram ao longo da história recente da humanidade.

O behaviorismo radical se propôs em dar um entendimento do papel da subjetividade, privacidade, na vida dos indivíduos, levando em consideração o modelo de ciências naturais (Skinner, 1945). A privacidade é um objeto de estudo de alto teor de desentendimentos e contradições no mundo psicológico. A dificuldade de entendê-la e investigá-la se devem a questões relativas à sua natureza e ao seu papel em relação às ações humanas (Skinner, 1945).

Skinner (1945) apresentou uma forma de se definir, investigar e explicar o papel da privacidade nas ações humanas. Para Skinner, os eventos privados são fenômenos que têm a mesma natureza que os fenômenos que constituem as ações públicas humanas, não sendo necessário definir-los a partir de dimensões mentais, tão pouco, utilizar de leis explicativas diferentes das adotadas nos fenômenos públicos.

De forma específica, Skinner (1945) indica que uma parte de nosso universo que pode assumir a função de ambiente se encontra no próprio organismo. Existem ainda respostas do organismo que não podem ser publicamente observadas. Os eventos ambientais e as respostas “que não podem ser observadas publicamente” são aquilo que Skinner compreendeu como eventos privados, que são tratados, de maneira geral, como constitutivos de relações comportamentais, assim como estímulos públicos e as respostas abertas.

A contingência seria, então, o instrumento conceitual útil para especificar a interação entre o comportamento do organismo e ambiente. Esta especificação consiste na identificação de variáveis ambientais das quais o comportamento é função. Ao buscar estas variáveis

ambientais, pode-se adotar o conceito de contingência tríplice. Esta contingência permite especificar quais variáveis ambientais presentes e passadas, relativos aos eventos antecedentes e conseqüentes, que se estabeleceram como condições para que determinada resposta produzisse mudanças. O uso da contingência permite, portanto, especificar a funcionalidade existente entre eventos ambientais antecedentes (estímulos discriminativos), respostas e estímulos conseqüentes (estímulos reforçadores ou punitivos).

De posse do instrumento conceitual, a contingência, a análise relacional dos eventos privados passa a ser uma descrição da determinação funcional das variáveis externas e internas em relação aos comportamentos públicos. Já os comportamentos públicos podem ser relacionados aos eventos privados, podendo, assim, ser acessíveis ou não à observação da comunidade, ou melhor, do ambiente social (Skinner, 1957, 1965, 1969, 1974, 1989; Tourinho, 1999). Não se pode esquecer de salientar que a análise dos eventos privados abandonou o viés mentalista apresentado pelo materialismo reducionista, haja vista a possibilidade de se ter respostas e estímulos “sob a pele”, como visto em escritos de Skinner (1965).

Para análise dos eventos privados, a contingência possibilita detectar os tipos de controle específicos exercidos pelas variáveis determinantes do comportamento humano. E estas variáveis podem ser externas (ex. estimulação exteroceptiva) como interna (ex. estimulação interoceptiva e proprioceptiva) ao organismo (Skinner, 1965).

O estudo dos eventos privados, portanto, deve levar em consideração que as investigações de eventos privados devem ser realizadas utilizando procedimentos similares aqueles utilizados para investigação de eventos públicos. Os eventos privados requerem cuidados diferentes dos tomados em investigações de eventos públicos. Ainda que sejam de mesma natureza, sua acessibilidade é qualitativamente distinta

Tourinho (1995) ao explicar os desafios metodológicos para o estudo dos eventos privados evidenciando que as explicações e definições dos eventos privados devem ser analisadas tendo em vista as contingências em que tais comportamentos são emitidos. Por exemplo, ao se estudar o medo, busca-se descrever as relações de controle de estímulos envolvidos na aquisição das respostas verbais de descrição de estimulação interna, bem como aos estímulos responsáveis pela ocorrência de respostas motoras e fisiológicas. No que dizem respeito às respostas verbais de descrição, comumente elas envolvem termos lingüísticos que denotam estados emocionais, como tenho medo, estou apavorado, mortificado. Portanto, o estudo dos eventos privados deve adotar um procedimento que produza operações para se entender em que condições um indivíduo emite os comportamentos verbais que se referem a

eventos privados, ou seja, deve-se encontrar as relações funcionais existentes entre comportamentos ( públicos e privados) e ambientes (internos e externos) (Matos, 1997).

Com isso, o estudo dos eventos privados deve envolver as condições de estimulação que levaram os indivíduos a apresentarem respostas verbais que descrevam experiências únicas (subjetivas). É importante, também, identificar em que condições a comunidade verbal seleciona os padrões de respostas verbais e suas possíveis transformações, ou seja, a “fala” das pessoas sobre suas experiências privadas corresponde a certos eventos e esta correlação se deve à interação existente entre as respostas verbais de um indivíduo e sua comunidade verbal (Lloyd, 2002; Lattal & Doepke, 2001; Zettle, 1990).

Pode-se verificar que a orientação skinneriana propiciou a análise experimental do comportamento condições de investigação dos eventos privados, porém são poucos os estudos que têm abordado experimentalmente a problemática dos eventos privados (Anderson, Hawkins, & Scotti, 1997). Esta afirmativa pode ainda ser evidenciada a partir do estudo de revisão realizado por Maluf (2003), em que demonstra as produções sobre eventos privados em sua maioria, 90% dos artigos analisados, são teorico-conceituais, 8% são descritivo-experimental e 2% dos artigos são trabalhos aplicados. O estudo de Neto (2007), também indica a restrição na produção e no uso do termo eventos privados na Análise do Comportamento.

Dentre varias tendências da Análise do Comportamento de estudar as relações das quais participam eventos privados (Neto, 2007), são poucas as que têm desenvolvido estudos que buscam aplicar o método experimental (Cohen & Blair, 1998; DeGrandpre, Bickel & Higgins, 1992; Simonassi, Tourinho & Vasconcelos-Silva. 2001).

São diversas as formas de se realizar estudos experimentais sobre os eventos privados, porém uma possibilidade consiste em estudar as respostas encobertas ao planejarem contingências que as tornam públicas (Calkin, 2002; Simonassi, Tourinho & Vasconcelos-Silva. 2001)

Nos Estudos de Simonassi, Tourinho & Vasconcelos-Silva (2001) foi possível identificar que respostas verbais observáveis à comunidade verbal foram viáveis como indicadores de eventos privados. Participaram deste estudo 64 alunos universitários que foram distribuídos em dois grupos: a) grupo em que a contingência exposta apresentava uma grande variedade de estímulos tornando a tarefa complexa e b) grupo em que a contingência apresentada envolvia pouca variedade de estímulos, tornando a tarefa simples. Com isso os grupos foram denominados a partir das condições expostas: condição Complexa e Simples.

Utilizou-se um programa de computador que arranjava as contingências para uma discriminação simples, ordenando os estímulos de acordo com as condições adotadas. Este programa apresentou duas telas. A primeira tela continha três estímulos similares a cartas. Respostas à carta superior (resposta de observação) dispuseram na tela do computador uma letra ou número sobreposto. Respostas a uma das cartas inferiores disponibilizaram a segunda tela, na qual constava instrução para que o participante tocasse o estímulo SIM ou o estímulo NÃO, localizados abaixo da instrução. Nesta segunda tela, buscava-se identificar qual estímulo seria tocado (SIM ou NÃO), não havia conseqüências programadas. Após cada tentativa da tarefa solicitou-se também uma resposta de redigir sobre a resolução do problema.

Os resultados mostraram que a complexidade da tarefa não interferiu no caráter privado das respostas, mas as contingências sociais determinaram a natureza das respostas em públicas ou privadas. Verificou-se também que as respostas verbais (SIM ou NÃO) não foram preditivas das descrições das contingências em vigor.

O resultado do estudo de Simonassi, Tourinho & Vasconcelos-Silva (2001) possibilitou verificar a acessibilidade de comportamentos privados como função de contingências sociais, a circunstancialidade do caráter privado dos comportamentos, a possibilidade de “publicização” de comportamentos privados, a possibilidade de comportamentos privados participarem de processos comportamentais característicos da resolução de problemas. Os resultados do estudo desses autores sugerem ainda que: a) a complexidade da tarefa não interfere no caráter privado das respostas; b) as contingências sociais produzem a “publicização” de respostas precorrentes na resolução de problemas, mas não são suficientes para produzir a efetividade destas respostas. A emissão de respostas descritivas precorrentes eficazes mostrou-se em função das contingências sociais associadas a uma exposição continuada às contingências programadas. A identificação da possibilidade de respostas descritivas incorretas acompanharem respostas informativas de disponibilidade de uma regra para resolução de problemas pode ser especialmente importante para estudos que usem respostas informativas na análise do desempenho dos participantes.

A partir do modelo investigativo adotado por Simonassi, Tourinho & Vasconcelos-Silva (2001), alguns questionamentos se tornam relevantes: em que condições as respostas verbais informativas poderiam se tornar indicativas dos eventos privados? Em que condições os eventos privados podem ser demonstrados como constituídos a partir de contingências sócio-verbais? E, como demonstrar experimentalmente como respostas verbais informativas

de eventos privados poderiam ser adquiridas e mantidas sob controle de um conjunto de estímulos públicos?

Com base no exposto, o presente estudo objetivou descrever a) as condições de estimulação em que dadas respostas verbais ocorreram e b) descrever as condições que controlaram a correspondência entre as respostas verbais e a estimulação privada.

Para isso, foram desenvolvidos dois experimentos, em que se manipulou a oportunidade de apresentar respostas de descrição das contingências. Mais especificamente no Experimento 1 buscou-se verificar se respostas verbais de descrição das contingências e de resolução de problemas podem ser especificadas pelo experimentador em relação aos seus correspondentes ambientais, especificamente respostas verbais de informação.

Já, no Experimento 2, após submeter os participantes a contingências prévias de reforçamento das respostas de resolução do problema, buscou-se verificar a efetividade das respostas verbais de informação em relação às contingências adotadas, ou seja, a partir de um procedimento de discriminação buscou-se identificar as possíveis condições de estimulação e correlaciona-las, inferencial mente, a respostas verbais de informação apresentadas pelos indivíduos em tarefas subseqüentes.

#### Experimento 1

##### Método

##### Participantes

Seis alunos universitários, de ambos os sexos e com idade variando entre 17 e 23 anos, participaram do experimento. Cada participante ganhou até três pontos, em disciplina de Psicologia, pela participação. Além disso, tomaram parte em dois sorteios que ofereciam R\$ 50,00 cada.

##### Material

O experimento foi conduzido em uma sala com total isolamento acústico. Nesta sala havia um microcomputador, um monitor com tela sensível ao toque e uma impressora. O controle das contingências experimentais, o registro dos dados e a apresentação dos mesmos foram realizados por meio do programa PRIVATE 2.0 (Vasconcelos-Silva, Martins & Simonassi, 2000). O programa randomizou a apresentação dos estímulos em blocos de oito letras ou palavras.

##### Procedimento

O Experimento 1 foi dividido em três fases: a) Linha de Base, b) Treino e c) Extinção. Todos os participantes foram submetidos às três fases. Cada fase foi iniciada com uma instrução, que especificava as condições gerais para a realização da tarefa a ser submetida.

Após a apresentação da instrução e tocar a tela iniciou-se a tarefa. A tarefa para todas as fases consistiu basicamente em tocar com a ponta do dedo dois de três locais de interação que apareceram na tela do monitor sensível ao toque. Um local superior e central e, na parte inferior e nas laterais, outros dois locais, quando um deles era tocado, alocava para a sua parte interna o estímulo visual textual apresentado. Os locais inferiores mudavam randomicamente de posição.

A contingência programada para este experimento consistiu em combinar os estímulos visuais textuais nicolau, igor, eduardo e otelo, apresentados no local superior, com o local inferior de cor vermelha, e os estímulos lúcia, renata, amanda e márcia com o local inferior de cor verde. Combinações diferentes das programadas foram conseqüenciadas como a palavra ERRADO, as em acordo com a palavra CERTO e um ponto foi acrescido ao contador. Para as fases de Linha de Base e Extinção, que tinham a mesma tarefa, não foi programada nenhuma conseqüência.

Na Fase de Treino, após cada tentativa foi apresentada uma tela que solicitava a escolha de respostas que especificava se o participante sabia ou não como estava fazendo para resolver a tarefa. A instrução utilizada para solicitar a resposta de informação foi: “Caso você saiba como está fazendo para resolver este exercício, toque no ‘SIM’ abaixo. Caso não saiba, toque no ‘NÃO’”.

As respostas de escolha da condição Sim ou Não foram definidas por Simonassi, Tourinho & Vasconcelos-Silva (2001) como Respostas de Informação, e não houve conseqüências programadas para as Respostas de Informação.

Os participantes foram divididos aleatoriamente em duas condições de descrição das contingências: a) condição Relato a Cada Sim, para os participantes 01, 02 e 03; e, b) condição Relato ao Final, para os participantes 04, 05 e 06.

De acordo com a condição Relato a Cada Sim, após cada Resposta de Informação ‘Sim’, uma nova tela no monitor foi apresentada, em que solicitava a descrição; para a condição Relato ao Final, a descrição ocorreu somente após ter sido concluída a fase Treino, na última tentativa foi apresentada a tela solicitando a Resposta de Informação. A instrução para o pedido da descrição foi a mesma utilizada na Linha de Base e na Extinção. No Experimento 1 não houve conseqüências programadas para as descrições solicitadas nas fases.

O critério para encerramento buscou garantir a exposição a todos os estímulos utilizados no experimento. Portanto, o critério de encerramento nas fases de Linha de Base e Extinção consistiu na exposição do participante a 32 tentativas. A Fase de Treino encerrava-se com 16 acertos consecutivos ou a exposição a 64 tentativas, independente de haver acertos

consecutivos. A resolução do problema foi definida a partir da ocorrência de oito acertos consecutivos.

A resolução do problema foi definida a partir da ocorrência de oito acertos consecutivos. As categorias adotadas na análise dos dados foram: tipo R1.CSA (Resolução do experimento 1 com Contingências da Sessão Atual), quando se observou oito acertos consecutivos relacionados à contingência colateral programada utilizada no experimento; tipo R1.OC (Resolução do experimento 1 com Outra Contingência), quando se observou oito acertos consecutivos relacionados às contingências não programadas para o experimento.

### Resultados

A Tabela 1 possibilita verificar o número de blocos de oito acertos consecutivos apresentados nas três fases do experimento pelos participantes dos grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final. Pode-se observar, portanto, que em nenhuma das fases os participantes apresentaram categorias do Tipo R1.CSA e nem do Tipo R1.OC, ou seja, os participantes não apresentaram respostas de resolução do problema.

Tabela 1. Número de blocos de oito acertos consecutivos apresentado pelos participantes dos grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final nas fases do Experimento 1, em relação às categorias de resolução do problema.

Categorias de Resolução do problema nas Fases do Experimento 1		Grupo Relato a Cada Sim			Grupo Relato ao Final		
		Pp. 01	Pp. 02	Pp. 03	Pp. 04	Pp. 05	Pp. 06
Linha de Base	Tipo R1.CSA	0	0	0	0	0	0
	Tipo R1.OC	0	0	0	0	0	0
Treino	Tipo R1. CSA	0	0	0	0	0	0
	Tipo R1.OC	0	0	0	0	0	0
Extinção	Tipo R1.CSA	0	0	0	0	0	0
	Tipo R1.OC	0	0	0	0	0	0

A Tabela 2 mostra na fase Treino a tentativa em que ocorreu o primeiro Sim e em que tentativa ocorreu a descrição da contingência da Fase 2, nos grupo Relato a Cada Sim e Relato ao Final. Pode-se observar que no grupo Relato a Cada Sim a média de tentativas para a emissão do primeiro Sim foi de 1,67 e não ocorreu para nenhum dos participantes a descrição

das contingências utilizadas. Para o grupo Relato ao Final a média para emissão do primeiro Sim foi de 3 tentativas e que, também neste grupo, nenhum participante descreveu as contingências colaterais programadas.

Tabela 2. Tentativa em que ocorreu o primeiro Sim e a descrição das contingências na fase Treino, para os grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final, do Experimento 1.

Relato a Cada Sim			Relato ao Final			
Pp.	Tentativa de ocorrência do 1º Sim	Tentativa que ocorreu da contingência utilizada na fase Treino	que	Pp.	Tentativa de ocorrência do 1º Sim	Tentativa que ocorreu da contingência utilizada na fase Treino
01	1	-		04	1	-
02	2	-		05	7	-
03	2	-		06	1	-
Total	5	-		Total	9	-
Média	1,67	-		Média	3	-

### Discussão

Os dados apresentados permitem constatar que contingências sociais determinaram o caráter das respostas de descrição. As contingências sociais foram as instruções utilizadas na Fase de Treino que dispunham da oportunidade de se publicizar respostas que indicam os eventos privados a partir das Respostas de Informações. Como visto em Simonassi, Tourinho & Vasconcelos-Silva (2001), as contingências sociais dispuseram as condições para que as respostas de descrição se tornassem acessíveis aos observadores. Observa-se a acessibilidade das descrições no Grupo Relato a Cada Sim, no qual todos os participantes relataram quando solicitado. Já no Grupo Relato ao Final, os participantes descreveram as contingências quando solicitados, porém ao não ser dada a oportunidade de se descrever na Fase Treino, não se observou descrições por parte dos mesmos. Isto sugere que as contingências sociais determinam condições para a ocorrência de descrições. Conforme demonstraram Buskit e Miller (1986) as descrições são dependentes de outras variáveis, viabilizando descrições em acordo e ou não com as contingências programadas.

Como na Fase de Treino do Grupo Relato ao Final, a possibilidade de descrição das contingências ocorreu somente ao final da fase, em função do procedimento, e como as contingências foram semelhantes às do Grupo Relato a Cada Sim, supõe-se que se fosse dada aos participantes do Grupo Relato ao Final a possibilidade de descrição após cada Resposta de Informação, a descrição seria a mesma encontrada no grupo que descreve a cada Resposta de Informação, pois foram idênticas as contingências utilizadas em ambos os grupos.

Conforme Simonassi, Tourinho & Vasconcelos-Silva (2001), o processo de tornar pública a descrição de contingências para a resolução do problema possibilitou identificar que outra resposta, de afirmar que sabe a solução do problema (Resposta de Informação Sim), não é relacionável às contingências utilizadas. Nos grupos não foi possível comparar a média entre as tentativas para o primeiro Sim e para o Sim com descrição correta, pois nenhum dos participantes do Grupo Relato a Cada Sim descreveu as contingências. E para os participantes do Grupo Relato ao Final infere-se que também não haveria, caso fosse dada oportunidade, pois ao se comparar a média de tentativas para ocorrência do primeiro Sim nos dois grupos, observa-se, com base no Teste t de Student, que não há diferença estatisticamente significativa entre as médias ( $t=0,74$ ;  $p>0,05$ ).

Com isso, ao se analisar a correlação das Respostas de Informação com as respostas de descrição verifica-se que estas Respostas de Informações não são indicativas das contingências utilizadas. Observa-se, com isso, a não efetividade relacional das Respostas de Informação em ambos os grupos.

Assim, como descrito por Skinner (1945), Catania (1998/ 1999) e demonstrado empiricamente por Simonassi, Tourinho e Vasconcelos-Silva (2001) os indicativos verbais, como as Respostas de Informação, não são confiáveis para detectar como a comunidade verbal modelou as repostas de resolução das contingências colaterais e as suas descrições. E, no presente experimento, não foi possível acessar a que contingências se relacionam a Resposta de Informação, pois não foi possível encontrar ordem na relação entre as Respostas de Informação e as respostas de descrição. Portanto, a que eventos as Respostas de Informação se relacionam foram inacessíveis à observação pública, porém pode-se inferir que tais comportamentos estão sobre controle de alguma estimulação privada, quais são estes estímulos é que fica em aberto para o pesquisador investigar.

A privacidade, então, deve ser compreendida como um termo que faz referência a respostas verbais selecionadas por contingências dispostas por uma comunidade verbal, que possibilita a auto-observação e ao autocontrole.

No caso específico do Experimento 1, as condições experimentais não permitiram identificar com qual contingência se referem as Respostas de Informação. Como exposto por Day (1976) e Ribes (1982) o estudo da privacidade é uma forma de descrever que contingências estão em operação e mantém o uso de elementos verbais, como as Respostas de Informações. De maneira experimental não se conseguiu demonstrar a determinação das Respostas de Informações, cabendo aos experimentadores a inferência não demonstrável dos prováveis determinantes das respostas verbais.

## Experimento 2

### Método

### Participantes

Cinco alunos universitários, de ambos os sexos e com idade variando entre 17 e 24 anos, participaram do experimento. Cada participante ganhou até três pontos, em disciplina de Psicologia, pela participação, além disso tomaram parte em dois sorteios que ofereciam R\$ 50,00 cada.

### Material

O material utilizado foi o mesmo do Experimento 1, adequando-se a configuração dos parâmetros do programa para as contingências colaterais programadas neste experimento.

### Procedimento

O Experimento 2 envolveu duas sessões, em que os participantes foram submetidos: a) Sessão 1, contingência prévia de reforçamento, e b) Sessão 2, contingência atual de reforçamento. Uma sessão ocorreu separada da outra com um intervalo de no mínimo duas horas e no máximo de seis horas.

A Sessão 1 foi composta de três fases: Linha de Base, Treino e Extinção. Com uma instrução específica apresentada na tela do monitor para cada fase, as instruções orientavam somente sobre como era realização da tarefa, não havia informações sobre as contingências adotadas. A tarefa consistiu em ao tocar a tela do monitor, deu-se início à tarefa. Para resolução da tarefa a contingência programada para a Sessão 1 consistiu em associar os estímulos visuais textuais n, l, r e i, que apareceram no local superior azul, com o local inferior de cor verde; e os estímulos a, e, o e m com o local inferior de cor vermelha. As letras apresentadas foram as mesmas utilizadas no início das palavras da Sessão 2. Respostas inversas às programadas foram conseqüenciadas com a palavra ERRADO, e as respostas em acordo com a palavra CERTO, um Bip e o acréscimo de um ponto no contador. Para as fases de Linhas de Base e Extinção nenhuma conseqüência foi programada.

O critério para encerramento da primeira Sessão consistiu em ter passado pelas três fases e relatado quando solicitado. As fases de Linha de Base e Extinção encerraram com 16 tentativas e a Fase de Treino com 16 acertos consecutivos ou ser exposto a 999 tentativas, independentemente de ocorrer acertos consecutivos.

Sessão 2. O procedimento da Sessão 2 foi semelhante ao procedimento adotado no Experimento 1. Todas as instruções utilizadas na Sessão 2 do Experimento 2 foram idênticas à do Experimento 1, inclusive as instruções quando se solicitou as Respostas de Informação. A diferença entre a Sessão 1 e a Sessão 2 foi o acesso à tela que solicitava a Resposta de Informação e as contingências colaterais programadas.

Para a Sessão 2, os participantes foram distribuídos em dois grupos, Grupo Relato ao Final, participantes 01 e 02, e Grupo Relato a Cada Sim, 03, 04 e 05. Nas fases de Linha de Base e Extinção a descrição foi solicitada em tentativas específicas (1, 4, 8, 12, 16, 20, 24, 28 e 32). A oportunidade de descrição da Fase Treino, da Sessão 2, foi dada após cada Resposta de Informação Sim, Grupo Relato a Cada Sim, e somente ao final da fase para o Grupo Relato ao Final.

O critério para encerramento foi semelhante ao do Experimento 1. Para as fases de Linha de Base e Extinção consistiu na exposição do participante a 32 tentativas. A Fase de Treino encerrava-se com 16 acertos consecutivos ou a exposição a 64 tentativas, independentemente dos acertos consecutivos.

### Resultados

No Experimento 1 não foi possível acessar eventos que se correlacionassem com as Respostas de Informação e conseqüentemente inferir sobre eventos privados. O Experimento 2 buscou estabelecer respostas de resolução do problema e de descrição das contingências e posteriormente verificar a possibilidade de se inferir se as respostas de informações se correlacionam com estas respostas.

Os resultados da Sessão 2 foram analisados a partir da verificação das respostas (descrição das contingências e de resolução do problema) que ocorreram na Linha de Base da Sessão 2 e se relacionam à contingência da Sessão 1, além disso, buscou-se verificar a que contingências se relacionam as Respostas de Informação.

A Figura 1 mostra as percentagens de acertos apresentadas pelos participantes do Grupo Relato ao Final nas três fases da Sessão 2. Pode-se verificar que, para os dois participantes, ao final da fase de Linha Base as descrições se relacionavam à contingência da Sessão 1. E, ao final da fase de Treino e durante a fase de Extinção a descrição que prevaleceu

esteve de acordo com a Sessão 2. Verifica-se ainda que o primeiro sim ocorreu para os dois participantes na primeira tentativa da fase Treino.

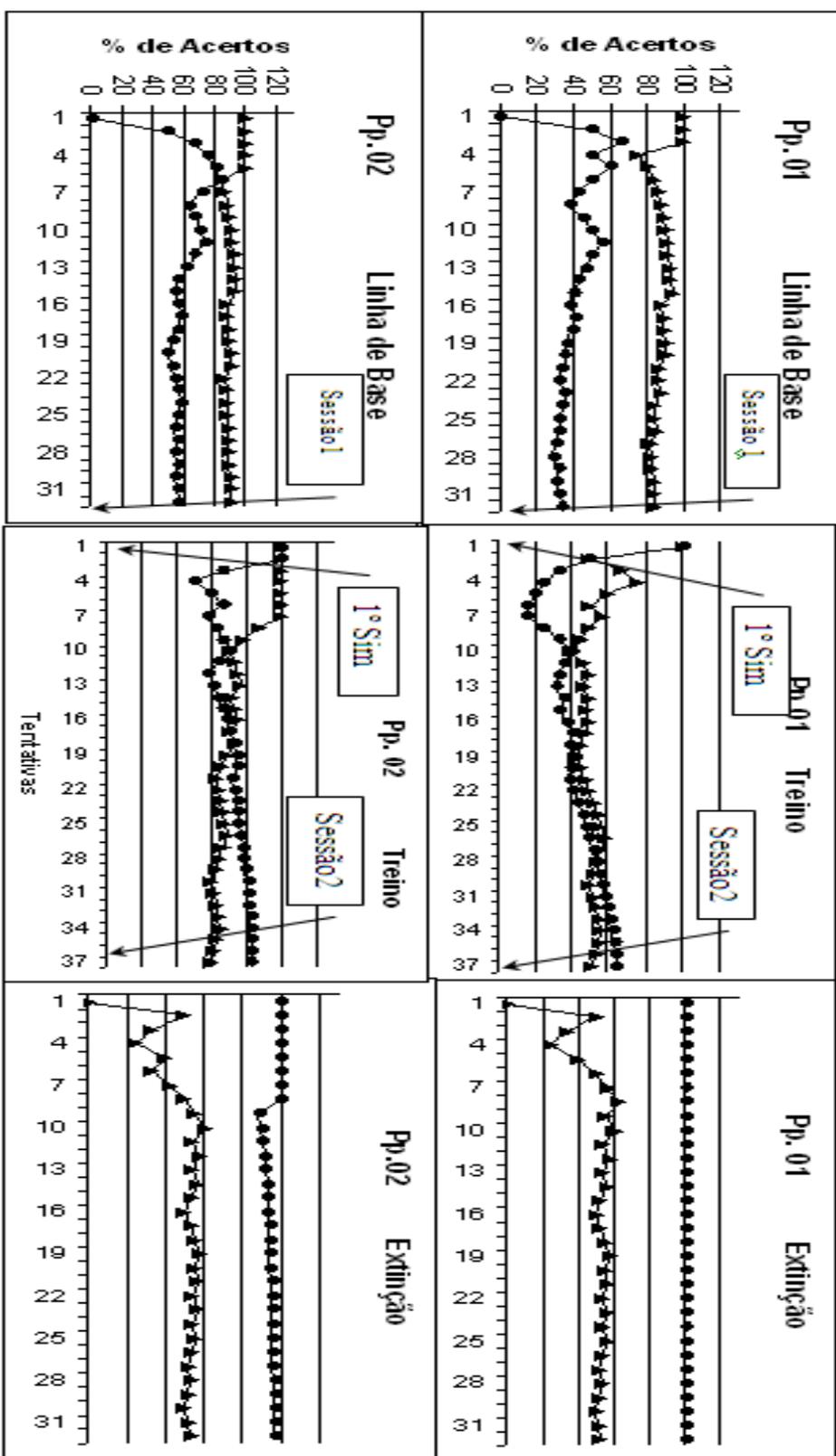


Figura 1. Percentagens de acertos apresentadas pelos participantes do grupo Relato ao Final nas três fases da Sessão 2. O círculo representa percentagens de acertos referentes à contingência da Sessão 2. O triângulo representa as percentagens referentes à contingência da Sessão 1. As setas indicam aproximadamente a tentativa em que ocorreu o primeiro Sim e a que contingência a descrição se correlaciona.

A Figura 2 mostra também as percentagens de acertos, só que apresentadas pelos participantes do Grupo Relato a Cada Sim, e permite observar para todos os participantes que ao final da fase de Linha de Base a descrição estava em acordo com a contingência da Sessão 1, e que, também, no início da Fase de Treino a descrição estava em acordo com a contingência da Sessão 1. A figura possibilita ainda observar que aproximadamente a partir da quadragésima tentativa da fase Treino, para todos os participantes, a descrição esteve em acordo com as contingências da Sessão 2. Na fase de Extinção para os participantes 03 e 05 a descrição também esteve em acordo com a contingência da Sessão 2, com exceção do participante 04 que apresentou descrição relacionada a contingências não utilizadas no experimento.

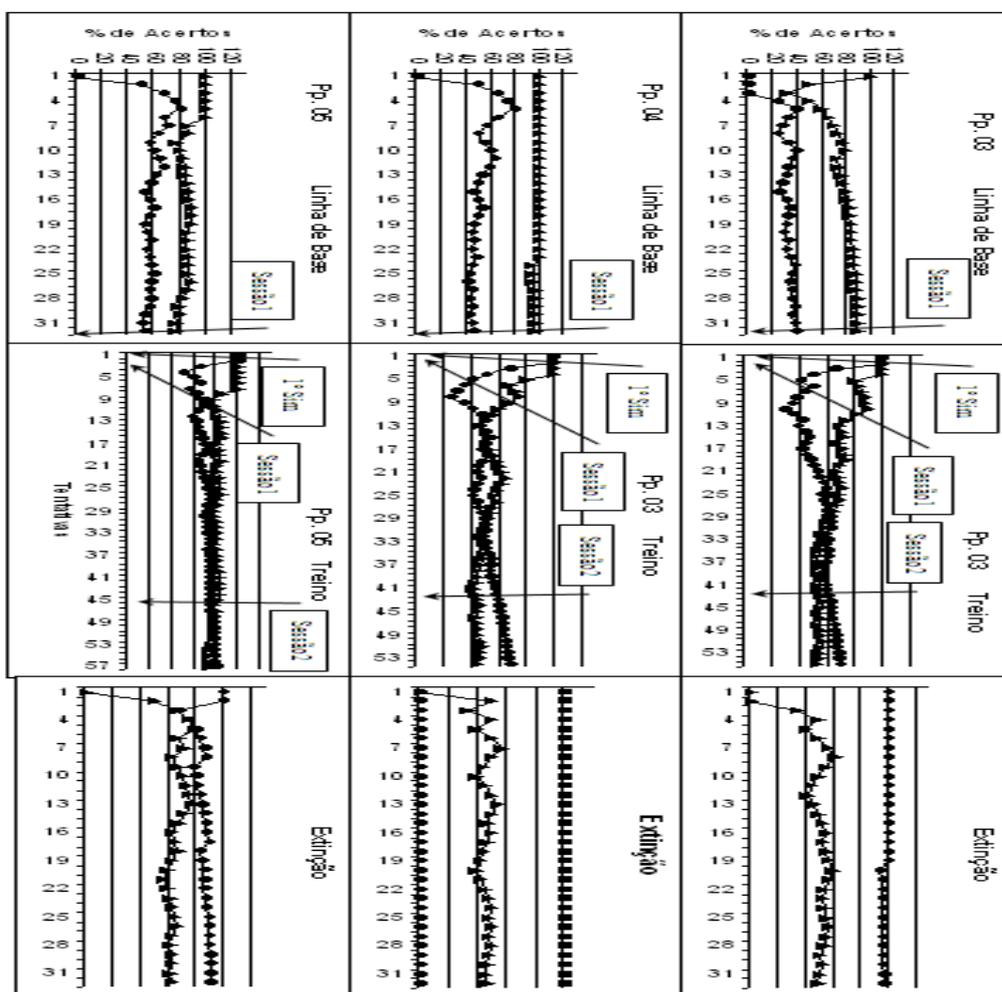


Figura 2. Percentagem de acertos apresentadas pelos participantes do grupo Relato a Cada Sim nas três fases da Sessão 2. O círculo representa percentagens de acertos referentes à contingência da Sessão 1, o triângulo se refere a contingência da Sessão 1 e o quadrado se refere a contingências não utilizadas. As setas indicam aproximadamente a tentativa em que ocorreu o primeiro Sim e a que contingência a descrição se correlaciona.

### Discussão

Segundo Skinner (1957, 1974) a comunidade verbal determina a aquisição de repertórios comportamentais mediante a modelagem ou o controle de estímulos. As interações entre respostas de resolução do problema e de descrição das contingências têm sido estudadas (Oliveira, 1998), nas quais pode-se constatar que o uso de contingências de reforçamento

disposto pela comunidade verbal é relevante para a aquisição e manutenção das respostas de resolução de problemas e descrição das contingências relativas aos problemas solucionados (Catania, 1999; Spradlin, 1985).

No caso do Experimento 1, não foi possível a identificar a que contingências as Respostas de Informações se relacionaram. Observação das respostas de resolução de problema e nem de descrição das contingências. A impossibilidade de não se deparar com a resolução e a descrição no experimento possivelmente se deve a impossibilidade de acessar a que contingências prévias de reforçamento as respostas de descrição e resolução dos participantes estavam sob controle.

O procedimento utilizado no Experimento 2, como visto nos resultados, viabilizou respostas de resolução e descrição em acordo com as contingências da Sessão 1. E as respostas de descrição e resolução estabelecidas na Sessão 1, portanto, estavam relacionadas.

A Sessão 2 do Experimento 2 apresentou estímulos modelos discriminativos nas contingências, que possuíam propriedades dos estímulos utilizados na Sessão 1 do mesmo experimento. Conforme Catania (1999), estímulos discriminativos correlacionados a propriedades de eventos passados exercem controle sobre os comportamentos subsequentes. Assim, na Linha de Base da Sessão 2 foi possível verificar a ocorrência de respostas de resolução de problema e descrição das contingências semelhantes aos obtidos na Fase de Extinção da Sessão 1. As respostas referentes à exposição às contingências prévias de reforçamento na Linha de Base da Sessão 2 estavam, portanto, disponíveis ao acesso da comunidade verbal.

As respostas referentes à contingência da Sessão 1 persistiram até o início da fase Treino da Sessão 2. Fase esta que dispôs a que reforçadores os estímulos modelo da Sessão 2 sinalizavam. É importante lembrar que as propriedades dos estímulos da Sessão 1, quando comparadas à contingência da Sessão 2, perdiam em parte a funcionalidade, ou seja, não proporcionaram plena resolução do problema na contingência atual; a resposta de resolução referente à contingência da Sessão 1 proporcionou aos participantes, na Linha de Base da Sessão 2, 50 % dos acertos.

Para os participantes (01 e 02) do Grupo Relato ao Final na Fase de Treino da Sessão 2 não foi possível observar as descrições das contingências, pois não foi dada oportunidade para a descrição das contingências. Entretanto, na Extinção se verificou que as descrições estavam sob controle das contingências da Sessão 2, ou seja, das contingências atuais.

Ao se comparar também o desempenho dos participantes do Grupo Relato ao Final com o do Grupo Relato a Cada Sim (03, 04, 05), na Fase de Extinção, verificou-se a

semelhança dos desempenhos de resolução e de descrição para dois dos participantes (03 e 04) do Grupo Relato a Cada Sim com os dois do Relato ao Final. E pelo Grupo Relato a Cada Sim ter apresentado maior percentagem de descrições referentes à contingência da Sessão 2, na Fase de Treino, é possível inferir que se fosse dado aos participantes do Grupo Relato ao Final, na Fase de Treino, a possibilidade para a descrição da contingência, estas estariam em acordo com a contingência da Sessão 2.

As Respostas de Informação permitiram ao longo da Fase de Treino verificar mudança em sua funcionalidade. Para todos os participantes do Grupo Relato a Cada Sim para o primeiro Sim ocorrer foi necessário em média uma (01) tentativa. Ao se comparar a média de tentativas para a primeira Resposta de Informação (Sim) com a média de tentativas para a ocorrência da descrição referentes à contingência da Sessão 1, não se verificou diferença estatisticamente significativa segundo o Teste t de Student ( $t = 1$ ;  $p < 0,05$ ). A Resposta de Informação para este grupo indica nas primeiras tentativas que os participantes ainda estiveram sob o controle da contingência da Sessão 1. Este fenômeno se deve à pouca exposição à nova contingência a que os participantes foram submetidos.

Para que os participantes do Grupo Relato a Cada Sim descrevessem as contingências atuais foram necessárias em média 44 tentativas. Ao se comparar a média de tentativas do primeiro Sim com a média de tentativas da descrição da contingência da Sessão 2, verificou-se, com base no Teste t de Student, que a diferença entre as médias foi estatisticamente significativa ( $t = 43$ ;  $p > 0,05$ ). Aqui a primeira Resposta de Informação não se relaciona à contingência atual, porém após exposição às contingências a Resposta de Informação adquire a funcionalidade referente à atual contingência.

No Grupo Relato ao Final não foi possível acessar diretamente a que contingências se referem as Respostas de Informação no início da Fase de Treino, como foi verificado no Grupo Relato a Cada Sim, ou seja, o primeiro Sim não foi acessível à observação pública, porém a inferência aos eventos que o primeiro Sim indica pode ser feita observando as respostas de resolução e de descrição na Extinção. E também, ao se comparar a média de tentativas para ocorrência do primeiro Sim com a média de tentativas para a descrição da contingência da Sessão 2, segundo o Teste t de Student, a diferença foi estatisticamente significativa ( $t = 73$ ;  $p > 0,05$ ).

A funcionalidade das Respostas de Informação no início da fase Treino, no Grupo Relato ao Final, pode ser inferida a partir da comparação da última descrição da Fase de Linha de Base e pela comparação com o Grupo Relato a Cada Sim. Isso nos permite inferir que também no Grupo Relato ao Final se fosse dada a oportunidade aos participantes de relatarem

na Fase Treino, os participantes estariam com a descrição sob o controle das contingências da Sessão 1 no início da fase. No caso presente, a resposta de descrição das contingências manteve-se encoberto.

O Experimento 2 possibilitou verificar quais comportamentais foram adquiridos pelo controle exercido pelas contingências de reforçamento. Estes comportamentos se mantiveram a partir de contingências que possuem propriedades previamente discriminativas, possibilitando com isso o efeito subsequente sobre os comportamentos de descrição e resolução que ocorrem em situações de reforçamento subsequentes. Quando, em certas contingências sociais, não se possibilitou a publicização das respostas de descrição verificou-se que as Respostas de Informação possibilitaram o acesso inferencial a estes eventos. Acesso este garantido mediante o acesso relacional estabelecido entre as respostas que ocorreram nas condições de aquisição com a similaridade com as condições mantenedoras atuais.

#### Discussão Geral

O presente estudo ao utilizar procedimento desenvolvido por Simonassi, Tourinho & Vasconcelos-Silva (2001) forneceu a possibilidade de se correlacionar eventos públicos controlados com eventos privados inferidos. O termo evento privado foi adotado como resposta verbal em relação a condições específicas de determinação. Estas respostas de descrição tiveram a sua publicização controlada por outras contingências sócias, ou seja, conforme discutido em Simonassi, Tourinho & Vasconcelos-Silva (2001) a acessibilidade aos eventos privados seria função de contingências sociais dispostas em determinados momentos da experimentação. Como salientou Skinner (1957), para se estudar o mundo dentro da pele o cientista deve se ater às contingências de reforçamento social predominantes por ocasião da aquisição, bem como daquelas que mantém os repertórios verbais descritivos, e até mesmo indicativo da existência de outras respostas correlatas.

A privacidade nos experimentos, principalmente no Experimento 2, tiveram a sua existência indicada pela ocorrência das Respostas de Informação. Estas respostas foram relacionadas com os comportamentos de descrição das contingências e de resolução do problema, ou seja, buscou-se no Experimento 1 verificar se a Resposta de Informação poderia ser relacionada às respostas de descrição da contingência e de resolução do problema. Verificou-se que as Respostas de Informação indicaram somente a descrição das contingências, a resolução do problema não foi viável em razão de os participantes não terem resolvido o problema e nem apresentado outras respostas de resolução que não os programados nas contingências colaterais. Com isso, surgiu no Experimento 1 o problema de não se ter acesso as condições prévias de determinação das respostas para se relacionar com a

Resposta de Informação e ter a garantia, ou seja, a Resposta de Informação (resposta verbal descritiva) permitiria ser analisada funcionalmente se fosse possível descrever as condições de aquisição dos comportamentos a que elas se correlacionam (Paniagua e Baer, 1982; Torgrud e Holborn, 1990).

O procedimento utilizado no Experimento 2 foi estruturado para viabilizar a relação entre os comportamentos de descrição e resolução e as Respostas de Informação. Neste experimento foi possível inferir sobre a existência dos eventos privados a partir da medição das Respostas de Informação. Quando se observou as Respostas de Informação e não era possível correlacioná-las às respostas de descrição e resolução por não estarem disponíveis devido à solicitação da publicização dos eventos privados disponibilizado pelos experimentadores do Grupo Relato ao Final, inferiu-se que tais padrões estavam ocorrendo, porém, sem haver a possibilidade de acessá-los diretamente. O acesso só foi viável mediante a observação das condições reforçadoras sociais dispostas previamente (análise dos padrões comportamentais verificados na Linha de Base da Sessão 2 ou pela comparação com os padrões comportamentais verificados na Fase de Treino do Grupo Relato a Cada Sim).

A forma de análise dos eventos privados dada até agora contempla os comportamentos de descrição e resolução em dimensões reduzidas. Sendo disponíveis, portanto, somente à observação do próprio participante. Todavia, estes comportamentos reduzidos também foram possíveis de serem inferidos mediante o conhecimento que os experimentadores tiveram das condições de aquisição e manutenção dos comportamentos.

Outra forma de uso do conceito evento privado será proposta aqui. Esta análise não irá propor investigar os comportamentos de descrição e resolução pelas dimensões reduzidas. Mas sim, pela utilização do conceito evento privado mediante a definição de um conjunto de situações e condições para se aplicar a expressão proposta por parte dos experimentadores (Greenspoon, 1975). Ao se observar os resultados obtidos no Experimento 1, verificou-se que não foi possível aos observadores acessar as condições que estabeleceram as respostas de informações e, tão pouco, às respostas de descrição e de resolução. Portanto, no Experimento 1 foi inacessível à observação dos experimentadores as condições estabelecidas das respostas. Por não ser possível aos observadores estabelecer a relação das respostas públicas de acesso com as respostas de descrição e resolução e as suas respectivas contingências controladoras, faz-se adequado o uso geral da expressão “evento privado inacessível”. Conforme apresentado no operacionismo skinneriano (1945, 1974) o estudo dos estados mentais passa, também, pelo estabelecimento de critérios de uso da linguagem dos termos científicos, pois a comunidade científica dispõe as contingências reforçadoras para o

conhecimento de fenômenos a serem investigados, como os eventos privados, e aqui, nas condições do Experimento 1, adequaria-se o uso do termo em questão.

No caso do Experimento 2, as condições estabelecidas das Respostas de Informação, descrição e resolução foram observáveis. Ou seja, foi viável à observação por parte dos experimentadores de como os participantes adquiriram as respostas e como estas também se mantiveram. Contudo, as respostas de descrição e resolução podem ter o seu controle sob efeito de contingências não detectáveis. Como exemplo, o Participante 4, apresentado na Figura 3, na Fase de Extinção quando este apresentou respostas de resolução que fugiram ao controle das contingências da Sessão 1 e 2.

No Experimento 2, portanto, por ser possível aos observadores estabelecer relação entre as medidas verbais (Resposta de Informação) com as respostas de descrição e resolução e as respectivas contingências controladoras, pode-se estabelecer o uso geral para os observadores o termo “evento privado acessível”.

Para se utilizar o termo evento privado deve-se levar em consideração se os experimentadores tiveram acesso às condições nas quais as respostas foram adquiridas e se foi possível estabelecer relação entre as respostas e as contingências controladoras (Day, 1969; Ribes, 1982).

Pôde-se verificar neste estudo que o termo evento privado pode ser utilizado como expressão indicativa de eventos de acesso direto único dos participantes, como também, expressão indicativa da possibilidade experimental dos observadores ao acessar ou não indiretamente a quais contingências os eventos privados dos participantes podem se relacionar.

Buscou-se, portanto, evidenciar uma análise relacional dos fenômenos relativos à privacidade. Especificamente o papel das respostas verbais e os seus determinantes, ou seja, os eventos que são ou não acessíveis à observação pública.

Com isso, interpretar a privacidade como um fenômeno cuja sua existência se vincula às práticas lingüísticas de uma comunidade verbal. Assim, a privacidade, ou os termos relacionados a este vernáculo, não seriam a descrição da essência vivida por uma pessoa em seu mundo, mas uma resposta verbal que desempenha uma função em uma comunidade verbal. E esta função é fruto de convenções arbitrárias e acidentais.

## Referências Bibliográficas

Anderson, C. M, Hawkins, R. P., & Scotti, J. R. (1997). Private events in behavior analysis: Conceptual basis and clinical relevance. *Behavior Therapy*, 28, 157-179.

Buskist, W. F. & Miller, H. L. Jr. (1986). Interaction between rules and contingencies in the control of human fixed-interval performance. *Psychological Record*, 36, 109-116.

Calkin, A. B. (2002). Inner behavior: Empirical investigations of private events. *The Behavior Analyst*, 25, 255-259.

Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição* (4ª. ed.). (D. G. de Souza et al., Trans.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1998).

Cohen, D. J., & Blair, C. (1998). Mental rotation and temporal contingencies. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 70, 203-214.

Day, W. F. (1976/ 1992). Analyzing verbal behavior under the control of private events. *Behaviorism*, 4, 195-200.

Day, W. F. (1969). On certain similarities between the Philosophical Investigations of Ludwig Wittgenstein and the operationism of B. F. Skinner. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 12(3), 489-506.

DeGrandpre, R. J. Bickel, W. K., & Higgins, S. T. (1992). Emergent equivalence relations between interoceptive (drug) and exteroceptive (visual) stimuli. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 58, 9-18.

Greenspoon, J. (1975). Revisión del concepto de experiencia privada. In: Prado, G. F. & Natalicio, L. F. S. (orgs) *La Ciencia de la Conducta*. Pp. 98-122 Mexico: Editorial Trillas.

Lattal, K. A.; & Doepke, K. J. (2001). Correspondence as conditional stimulus control: insights from experiments with pigeons. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 34, 127 – 144.

Lloyd, K. E. (2002). A review of correspondence training: suggestions for a revival. *The Behavior Analyst*, 25, 57 – 73.

Maluf, L. (2003). *Eventos Privados em artigos de revistas científicas: o que está sendo discutido?*. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo.

Matos, M. A. (1997). Introspecção: método ou objeto de estudo para a análise do comportamento. Em Banaco, R. A. (orgs) *Sobre comportamento e cognição, vol. 1*. Pp. 57-69, Santo André: ARBytes.

Neto, A. B. V. (2007). *Uma discussão dos usos do termo eventos privados na análise do comportamento à luz de proposições do pragmatismo*. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Pará, Belém.

Oliveira, C.I. (1998). *Resolução de Problema e Descrição de Contingências: Efeito da acurácia das instruções em tarefas sucessivas*. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasília.

- Paniagua, F.A., & Baer, D. M. (1982). The Analysis of Correspondence Training as Chain Reinforceable at Any Point. *Child Development*, 53, 786-798. [270]
- Ribes, E. (1982). Los eventos privados: un problema para la teoria de la conducta ? *Revista Mexicana de Análisis de La Conducta*, 8, 11-29.
- Simonassi, L. E., Tourinho, E. Z., & Silva, A. V. (2001). Comportamento privado: Acessibilidade e relação com comportamento público. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 133-142.
- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52, 270-277/291-294.
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis*. New York: Appletton Century Crofts.
- Skinner, B. F. (1965). *Science and human behavior*. New York: The Free Press. Publicado originalmente em 1953.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. New York: Appleton-Century Crofts.
- Spradlin, J. E. (1985). Studying the effects of the audience on verbal behbavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, 3, 5-9.
- Torgrud, L.J., & Holborn, S. W. (1990). The effects of verbal performance descriptions on nonverbal operant responding. *Journal of the Experimental Analisis of Behavior*, 54, 273-291.
- Tourinho, E. Z. (1999). Eventos privados: O que, como e por que estudar. Em: R. R. Kerbauy & R. C. Wielenska (Eds.). *Sobre comportamento e cognição: Psicologia comportamental e cognitiva: Da reflexão teórica à diversidade na aplicação*. (pp. 13-25). Santo André, SP: ESETec.
- Tourinho, E. Z. (1995). *O autoconhecimento na psicologia comportamental de B. F. Skinner*. Belém: Editora da UFPA.
- Vasconcelos-Silva, A.; Martins, W. & Simonassi, L. E. (2000). *Private 2.0: sistema computadorizada para análise experimental dos correspondentes dos eventos privados*. Pôster apresentado no IX Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental. Campinas, São Paulo: ABPMC. Pp – 98.
- Zettle, R. D. (1990) Ruled Governed Behavior: A Radical Behaviorism Reply to the Cognitive Challenge. *The Psychological Record*, 40, 41-49.